



Estereótipos, raça e sexo: resultados preliminares sobre a identificação de armas e ferramentas em diferentes contextos

Marcos Emanuel Pereira¹, Gilcimar Santos Dantas² e Marcus Vinicius Alves³

1 - Orientador e professor de Psicologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA, 2 - Estudante de graduação do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA e bolsista Cnpq/PIBIC, 3 - Estudante de graduação do Curso de Psicologia da Universidade Federal da Bahia - UFBA.

memanoel@gmail.com, gsdantas09@gmail.com, costaalves.mv@gmail.com



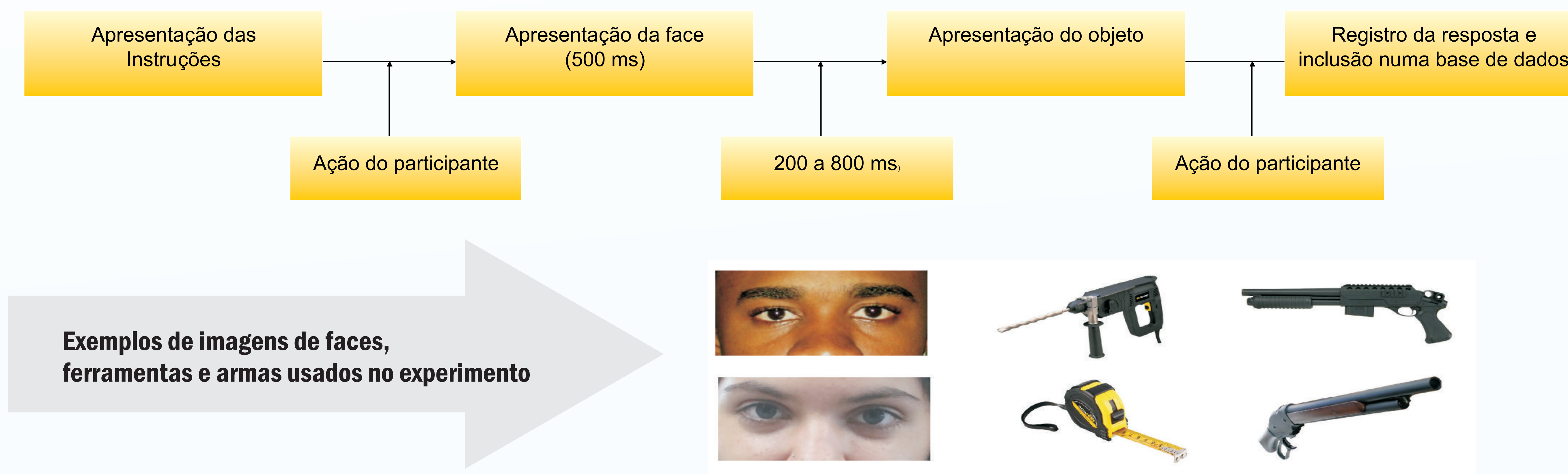
Introdução

A violência contra jovens nas principais capitais do Brasil é um fenômeno de grandes proporções (Waiselfisz, 2011). Um dos aspectos mais marcantes é o ato de confundir objetos comuns com armas, quando estes são portados por indivíduos do sexo masculino, negros e moradores de bairros periféricos. Os agentes policiais, inclusive, não estão imunes a esta tendência (Pnad, 2010). Nesse sentido, são apresentados resultados preliminares da análise de dados acerca da influência dos processos automáticos e controlados (Devine, 2009) na expressão dos estereótipos e preconceitos. Foi utilizado o paradigma da identificação/des-identificação de armas (Payne, 2001), fundamentado no modelo do processo dissociativo (Jacoby, 1991), com o objetivo de avaliar se a apresentação do priming com a fotografia de faces de homens ou mulheres, negras ou brancas, interfere na velocidade e na acurácia da identificação de armas, quando comparadas com a identificação de algumas ferramentas, cujo formato guarda alguma semelhança com uma arma.

Procedimento

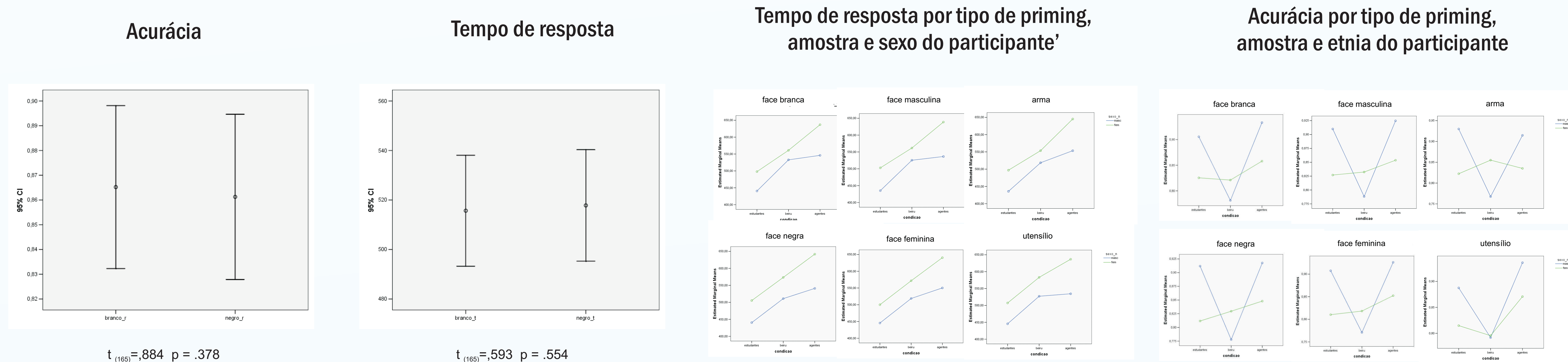
Universitários (n=91), agentes penitenciários (n=44) e moradores de uma comunidade popular (n=31) – negros e brancos, dos sexos masculino e feminino – foram expostos a 16 imagens, masculinas e femininas, negras e brancas.

Diagrama do procedimento experimental



Resultados

- Não foram identificadas diferenças entre as amostras ($F(2, 163) = 1,236, p = ,293$), nem entre os tipos de priming, sugerindo que o grau de acurácia independe do contexto, bem como da etnia da face apresentada.
- Apesar das diferenças nos tempos de resposta nos três contextos ($F(2,163) = 13,95, p < .001$), estas não foram identificadas quando a avaliação foi antecipada pela apresentação de faces negras ou brancas.



Conclusão

- Os moradores da comunidade do sexo masculino cometeram mais erros de julgamento do que os participantes dos demais contextos. As mulheres responderam de forma mais lenta do que os homens em todos os contextos, sugerindo que isso pode ter ocorrido por conta de as armas e ferramentas serem muito mais próximos ao universo mental dos homens.
- Análises adicionais, conduzidas com o teste de correlação de Pearson, não permitiram identificar, nos três contextos, qualquer associação entre a proporção de acertos e o tempo de resposta. Analisando os contextos separadamente, tal associação ocorreu apenas entre os agentes penitenciários.

Referências Bibliográficas

- Devine, P. G., & Sharp, L. B. (2009). Automaticity and Control in Stereotyping and Prejudice. Em: Nelson, T. D. *Handbook of Prejudice, Stereotyping and Discrimination*. New York: Psychology Press.
- Jacoby, L. (1991). A process dissociation framework: separating automatic from intentional uses of memory. *Journal of Memory and Language*, 30, 513-541
- Payne, B. K. (2001). Prejudice and misperception: the role of automatic and controlled process in misperceiving a weapon. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81, 181-192
- Pnad (2010). Características da vitimização e do acesso à justiça no Brasil 2009. Conselho Nacional de Justiça. IBGE. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão.
- Waiselfisz, J. J. (2011). Mapa da violência 2011: Jovens no Brasil. Instituto Sangari. Ministério da Justiça.